

Entrevista



A partir deste número, a RBBI iniciará uma série de entrevistas com pessoas de renome, cujo relato de passagens de suas vidas *der* margem à reconstituição da história da biblioteconomia brasileira.

Uma paulista, de família quatrocentona de Jaú, será a primeira entrevistada. Por sua conduta profissional irrepreensível e ação como educadora, é conhecida pelos paulistas como “pessoa fora de série”. Trata-se de Maria Antonieta Ferraz, bibliotecária de renome na área tecnológica, prestando relevantes serviços à Associação Brasileira de Cimento Portland e à formação do Comitê de Documentação da ABNT. Discretamente, tem trabalhado muito pela Biblioteconomia, sem queixas e cobranças. A entrevista mostrará por si a atuação desta notável educadora, que já recebeu um título na USP de “Coordenadora Emérita do Departamento de Biblioteconomia e Documentação”.

RBBB – Como aluna do 1º Curso de Biblioteconomia de São Paulo, diga-nos quem foram seus professores e colegas e como foi o início do ensino da Biblioteconomia nessa época?

M.A.F. – A 1ª turma do Curso de Biblioteconomia de S. Paulo data de 1938. O Curso foi instalado por iniciativa de Rubens Borba de Moraes, ao assumir a direção da Biblioteca Municipal de S. Paulo, no intuito de aperfeiçoar os conhecimentos profissionais de seus funcionários. Procurou, para isso, a colaboração de D. Adelpha Figueiredo, que obtivera grau em “Library Science”, na Universidade de Columbia, New York, EUA, e que trabalhava há anos, como bibliotecária, na Universidade Mackenzie. O Curso se destinava não só a funcionários da Biblioteca Municipal, mas aos do Estado e a outros interessados no assunto. A duração foi de três semestres e os professores foram Rubens Borba de Moraes, que estudara na Suíça e conheceu os problemas das bibliotecas da Europa, ministrando aulas de Bibliografia, História do

Livro e das Bibliotecas e sua organização, e Adelpha Figueiredo, responsável pelas aulas sobre os processos técnicos: seleção, catalogação, classificação, o desenvolvimento das bibliotecas nos Estados Unidos e, especialmente, o desenvolvimento da Biblioteca Pública.

Os alunos possuíam, em geral, bom nível de conhecimentos e línguas, especialmente a francesa e a inglesa, o que facilitou o andamento geral do Curso, baseado em literatura estrangeira. Entre os participantes, gostaria de citar alguns, que tiveram maior atuação na Biblioteconomia brasileira, tais como: Guiomar de Carvalho Franco, Noemia Lentino, Heloisa de Almeida Prado, Maria José Lessa da Fonseca, Olinda Hempel de Camargo, Francisco José de Azevedo, Afra de Lima e outros, que por motivos pessoais, só vieram concluir o Curso em 1940, como Maria Luiza Monteiro da Cunha, Lenyra Fracarolli, Maria Eugênia Franco.

RBBB – Sabemos que a senhora iniciou o movimento associativo em São Paulo e, por



assim dizer, no Brasil, porque a APB foi a 1ª associação de classe. Como nasceu a idéia da fundação da Associação Paulista de Bibliotecários e quais os seus companheiros de luta?

M.A.F. — Fundou-se a APB em dezembro de 1938, pela aspiração de possuir a classe um centro de estudos biblioteconômicos, o que vinha sendo lembrado, com frequência por muitos bibliotecários paulistas desde 1936, tendo oportunidade dessa idéia ser corporizada por assentimento coletivo dos interessados e, especialmente, dos formandos de 1938. A idéia partiu de Guiomar Carvalho Franco, que contou logo de início com o apoio de Rubens Borba de Moraes, Jorge de Andrade Maia, ilustre bibliotecário da Faculdade de Medicina da USP, Adelpha Figueiredo e, pouco mais tarde, de Sérgio Milliet, para citar somente alguns. Nasceu a idéia, por vários motivos, entre eles: por necessidade de desenvolvimento e uniformização dos trabalhos biblioteconômicos, de intercâmbio entre os que exerciam a profissão, de cooperação para atingir às finalidades biblioteconômicas, ainda pouco compreendidas e incentivadas na época, em nosso meio, da divulgação da biblioteca ativa, como modernamente era observada e da função bibliotecária como fator de cultura social. Data, dessa época, a 1ª publicação da APB "Regras para catalogação de fichas", de 1942, redigida pela Comissão composta por Rubens Borba de Moraes, Adelpha Figueiredo, Guiomar de Carvalho Franco e Maria Antonieta Ferraz.

RBBB — Cite algumas das atividades da APB ao longo desses anos.

M.A.F. — Em 1948, a APB filiou-se à FID e à ASLIB, procurando participar do movimento internacional e acompanhar o que se fazia em outros países. Nesse mesmo ano, Guiomar de Carvalho Franco tendo voltado dos Estados Unidos, onde participara da "Assembléia de Bibliotecários das Améri-

cas" e tivera contato com a "Special Library Association", achou que seria muito oportuno a fundação de "Grupos Especializados" procurando reunir, por interesse profissional, os que trabalhavam nas diversas áreas, sendo os primeiros Grupos a se formarem os de: Ensino da Biblioteconomia, Processos Técnicos e Bibliografia. Esses Grupos funcionaram incipientemente até a década de 60, quando as Presidente da APB, Zenóbia Pereira da Silva e Alice Camargo Guarnieri incentivaram esse movimento, sendo o primeiro a trabalhar ativamente o grupo biomédico, sob a coordenação de Dinah Aguiar Población.

Em 1951, participou do 1º Congresso Latino Americano de Biblioteconomia, promovido pela UNESCO, que se reuniu em S. Paulo, na Biblioteca Municipal, sendo Coordenadora Geral, D. Adelpha Figueiredo, então Presidente da APB. Em 1958 promoveu o 1º Seminário Brasileiro de Documentação, que reuniu profissionais de todo o País e contou com o apoio irrestrito do IBBD, então sob a Presidência de Lydia de Queirós Sambaqui. A APB pôde adquirir sede própria, por cooperação de todos os associados. A primeira vez à Av. Ipiranga, por iniciativa de Zenóbia Pereira da Silva, e a segunda, que funciona à R. Treze de Maio, 1.100, conj. 32, graças aos esforços de Antonio Gabriel. Nesse local vem se realizando, continuamente, cursos os mais diversos, visando ao aperfeiçoamento profissional dos associados.

RBBB — A Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo organizou o primeiro Curso de Biblioteconomia em S. Paulo, em 1940, e dele proliferaram vários Cursos no Brasil. Como elemento atuante no ensino da Biblioteconomia e Diretora Pedagógica desse Curso o que pode dizer sobre o seu papel na Biblioteconomia brasileira?

M.A.F. — A Fundação Escola de Sociologia e Política formou a sua primeira turma, em

1940, absorvendo o Curso iniciado na Prefeitura de S. Paulo, por Rubens Borba de Moraes, que solicitou ao Eng. Cyro Berlinck o apoio dessa instituição educacional, e que vem desenvolvendo essas atividades há quase 40 anos. A Escola de Biblioteconomia recebeu por cinco anos ajuda da Fundação Rockefeller, o que lhe permitiu a concessão de "Bolsas de Estudo" a interessados de outros Estados, e que aqui vieram obter os seus diplomas para, de volta a seu trabalho, fundarem ou cooperarem para a fundação de Escolas de Biblioteconomia. Entre os bolsistas que freqüentaram a Escola de Biblioteconomia da FESP, é preciso citar alguns: engenheira Bernardette Siney Neves, da Bahia; Etelvina Lima, de Belo Horizonte; Milton Mello, do Recife; Angela Franco, de Porto Alegre; Ernesto Manoel Zinck, de Campinas, S.P. e, mais tarde, Alfredo Américo Hamar, de São Carlos, S.P.

A Escola de Biblioteconomia da FESP, certamente, formou o maior contingente de profissionais que militam no Brasil. Em todos esses anos vem procurando dar bom nível de conhecimentos biblioteconômicos a seus alunos e tem participado de todas as reuniões em que se estudam a melhoria do ensino, proporcionando ao seu corpo docente oportunidade de aperfeiçoamento profissional.

RBBB – Comparando a Biblioteconomia inicial com a da época atual, quais os pontos evolutivos mais representativos alcançados pela carreira entre 1940 a 1960?

M.A.F. – A Biblioteconomia da década de 40 lutou para transformar a biblioteca em um centro de cultura à disposição dos estudiosos, bem como procurou novos usuários, colocando o livro ao seu alcance e, em especial, do leitor inexperiente, facultando-lhe o livro oportuno no momento oportuno. Reorganizou as bibliotecas existentes dentro de um padrão técnico e promoveu a fundação de novas unidades para intensificar o trabalho bibliotecário.

- Cumpra-se salientados alguns pontos:
- difusão dos processos técnicos, sob orientação de Adelpha Figueiredo;
 - início da normalização da documentação;
 - criação do 1º catálogo coletivo do Brasil, em 1944, por iniciativa do Prof. Jayme Cavalcanti, da Faculdade de Medicina da USP, e que contou com a adesão das demais Bibliotecas do Estado, dos institutos de pesquisa, da Biblioteca Municipal e de outras particulares;
 - implantação do serviço de microfilmagem, na Reitoria da USP, em 1944.

Percorrendo as atas dos primeiros decênios da APB, destaca-se a campanha desenvolvida junto aos editores e o 1º Congresso Brasileiro de Editores e Livreiros do Brasil, em fins de 1948, em S. Paulo, onde a APB apresentou sugestões relativas à organização da página de rosto, alertando sobre os dados principais indispensáveis à referência, e teve a satisfação de ver sua tese aprovada por unanimidade.

Finalmente o reconhecimento da *profissão bibliotecária*, em nível universitário, pela Lei 4.084 de 1962. A iniciativa partiu de S. Paulo, que apresentou ao 1º Congresso Brasileiro da Biblioteconomia, em Recife, em 1958, trabalho de Luiza Fonseca e esse movimento se desenvolveu graças aos esforços de um grupo de bibliotecários, liderados por Laura Garcia Moreno Russo, que obteve a assinatura dessa Lei.

RBBB – Como educadora, na real acepção da palavra, conte-nos um pouco de sua atuação no ensino de Biblioteconomia.

M.A.F. – Minhas atividades didáticas datam de 1947, no Curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", PUC/SP, onde lecionei até 1961. A área profissional era precedida de um "Curso de Cultura" acoplado às matérias da Faculdade de Filosofia, o que dava bom embasamento aos que dele participavam e muitos desses alunos ocupam posições relevantes na profissão atualmente.

De 1970 a 1974 participei do corpo docente da Escola de Comunicações e Artes da USP, experiência inesquecível. Foi iniciado nessa época, por iniciativa do Prof. Alfredo Américo Hamar, o ensino da mecanização bibliográfica nos serviços de informações, com noções de lingüística para elaboração de thesaurus. As aulas eram destinadas ao corpo docente e discente, e foram ministradas pelo Prof. Fernão Stella, da Escola de Engenharia de S. Carlos e o engenheiro Michel Aymard. Muitos dos alunos dessas turmas são elementos atuantes nas Bibliotecas da USP e em outras, bem como no ensino da Biblioteconomia.

De 1961 até hoje, estou na Faculdade de Biblioteconomia e Documentação, da Fundação Escola de Sociologia e Política de S. Paulo, sucessivamente como professora de Bibliografia, Referência, Documentação e, nestes últimos anos, como Diretora Pedagógica, sempre lutando pela atualização e aperfeiçoamento profissional de professores e alunos.

RBBB – Pela conduta profissional exemplar e pela permanente orientação e assessoramento a alunos, ex-alunos e bibliotecários em geral, qual a sua mensagem a esses jovens brasileiros?

M.A.F. – A profissão enfrenta, atualmente, momento importante, que requer *participação no processo de decisão*, através dos sistemas de informação. É preciso que o Bibliotecário participe dessa “*chamada*”, pro-

curando desenvolver espírito crítico em relação à categoria profissional, frente às exigências sociais, à situação do mercado de trabalho, com novas técnicas de armazenamento, recuperação da informação e à interação científica e técnica com a estrutura sócio-econômica. Criar condições para entrosamento dos serviços de documentação dentro do processo educativo mais amplo, avaliar, planejar atividades e processamentos que atendam às várias categorias de usuários, são outras “*chamadas*”.

Vejo, com grande satisfação, na classe bibliotecária, uma plêiade de novos valores, levando avante e chefiando serviços em instituições de alto nível, com brilho e entusiasmo. Tenho certeza que o Bibliotecário de hoje saberá manter alto o nome de sua carreira e se impor na sociedade, que reclama líderes jovens e corajosos que dominem técnica e cultura. Para terminar, usarei pensamento de uma de minhas irmãs, educadora por mais de 50 anos, que assim se expressou:

... Senhor,

Despoja-me do orgulho da experiência acumulada e da veleidade de me julgar insubstituível.

Que eu saiba ver no gradativo desprendimento das coisas apenas a lei do tempo; que descubra, nesta transferência de encargos, uma das mais palpitantes expressões, da vida que se renova. sob o impulso de tua

Providência . . .